



O EREMITA DO NOVO MUNDO: A TRAJETÓRIA DE UM ITALIANO PELOS SERTÕES BRASILEIROS NO SÉCULO XIX

Alexandre de Oliveira Karsburg*

Resumo: Este texto tem por objetivo mostrar como determinados procedimentos metodológicos da micro-história estão servindo para encontrar vestígios de um personagem que, até então, sabia-se muito pouco: o italiano Giovanni Maria de Agostini (1801-1869) que, em território brasileiro entre 1844 e 1860, iniciou uma tradição religiosa bastante conhecida: a dos monges santos no sul do país.

Palavras-chave: Monges Santos, Tradição Religiosa, Guerra do Contestado.

Abstract: This text has to objective to show how some methodological proceedings of micro-history are serving to find vestiges of the Italian peregrine Giovanni Maria de Agostini (1801-1869) that, in Brazilian territory between 1844 and 1860, started a religious tradition very important: the saint hermits in south of the country.

Keywords: Saint Hermits, Religious Tradition, War of Contestado.

Sinais, indícios e a montagem do “quebra-cabeça”

O italiano *Giovanni Maria de Agostini*, conhecido pelos pesquisadores da Guerra do Contestado (em Santa Catarina, entre 1912-1916) como João Maria de Agostinho, o primeiro da série de monges eremitas que palmilharam os sertões meridionais do Brasil entre meados do século XIX e início do XX, foi estudado mais como uma lenda, um santo, do que um indivíduo de carne e osso. E isso pode ter explicação. Os vestígios de sua passagem pelo Brasil, de 1844 a 1860, não permitiram que se chegasse a maiores detalhes de sua vida. Os poucos documentos encontrados eram quase nada esclarecedores sobre sua origem, sua formação, os motivos que tinha para peregrinar e seu destino após 1860. Ao perderem o seu rastro, os estudiosos preencheram as lacunas sobre este personagem com hipóteses variadas baseadas mais em teorias do que em indícios com comprovação empírica. E na falta de certezas, os pesquisadores foram tomando as afirmações de seus antecessores, acrescentando sempre um pouco, criando em torno daquele italiano uma “aura de santidade” difícil de penetrar devido à falta de novas informações. Se entre os populares dos séculos XIX e XX o

* Doutorando em História Social – UFRJ. E-mail: alexkarsburg@yahoo.com.br

monge João Maria foi considerado um santo, entre os pesquisadores ele foi e é um “santo dos excluídos”.¹

Santo popular e santo dos excluídos, ou um líder religioso que alimentava a superstição deixando seus seguidores “fanatizados”, o fato é que João Maria de Agostinho serviu e vem servindo para muitos propósitos. E ainda que se tenha descoberto novas evidências de sua passagem pelo Brasil do século XIX, ainda sim os estudos sobre aquele italiano parecem não avançar. Na verdade, este personagem jamais foi tomado em sua individualidade, isto é, não mereceu, até agora, uma investigação exclusiva, ou algo do gênero. Se não parece haver dúvidas de que ele foi o iniciador de uma tradição religiosa de longo prazo no interior de três estados do Brasil – Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná –, a tarefa de investigar sua vida ainda está por ser feita.

Embora a qualificação lhe fosse um tanto ilegítima, ficou conhecido como “monge”, e assim entrou para a história. Após sua passagem pelo sul do Brasil entre 1848 e 1849, deixou saudosa memória, inspirando pessoas que procuraram imitar seu modo de vida. Se já havia freis ou frades evangelizando os habitantes do interior brasileiro no século XIX,² passou a haver também eremitas vagando por entre os sertões meridionais fazendo todo tipo de prodígio: curas, bênçãos, “milagres”, pregações, profecias. Eram indivíduos em sua maioria anônimos que por possuírem atributos similares aos do italiano João Maria de Agostinho passaram a ser identificados com ele: João Maria de Jesus e José Maria de Santo Agostinho foram seus “seguidores” mais famosos, ganhando repercussão nacional por causa da Guerra do Contestado no estado de Santa Catarina, entre 1912 e 1916. Porém, tais “seguidores”, famosos ou anônimos, basearam suas ações na leitura “distorcida” que fizeram da cultura religiosa daquele italiano. E essa “distorção”, diga-se de passagem, fruto da cultura religiosa brasileira formada em mais de três séculos de relacionamento entre portugueses, africanos e

¹ Exemplo disso é a obra de José Fraga Fachel (1996): “*João Maria: recusa dos excluídos*”. Este apresentou novos documentos para se chegar a um maior esclarecimento sobre o italiano João Maria de Agostinho. Contudo, tais documentos foram usados para comprovar um modelo construído *a priori*, ou seja, a idéia de que aquele eremita veio preencher um espaço vazio deixado pela Igreja Católica e pelo Estado que não prestavam auxílio aos habitantes do interior do Brasil, estando esses “carentes” de todo tipo de assistência, seja religiosa, médica ou educacional. Em estudo recente, César Hamilton Brito Góes (2007) investigou como se deu o processo de santidade em torno dos monges, trabalhando com um recorte temporal extenso, de 1844 até 2003. Demais autores que abordaram, mesmo que indiretamente, o personagem João Maria de Agostinho estão mencionados na bibliografia, ao final deste artigo.

² Sobre a presença de freis itinerantes trabalhando na evangelização dos povos no interior do Brasil, estou consultando: Torres (1968); Azzi (1975a); Oliveira (2008).

indígenas,³ resultou em *estereótipos* de João Maria de Agostinho, surgindo personagens mais sagrados que humanos.

Atendo-se à documentação que se refere ao eremita italiano, não há dúvidas sobre qual era o seu público preferido: pobres e doentes. Contudo, jamais se esquivou a receber e a dialogar com pessoas melhor estabelecidas socialmente, e por vários dos lugares que passou fez amizade com chefes de famílias importantes, trocando gentilezas, contando sua história ou deixando presentes como lembrança. As relações que manteve, apesar de temporárias, ficaram na memória de membros da elite social, fossem proprietários de terras, comerciantes ou políticos. Tampouco queria provocar reação na hierarquia da Igreja ou nas autoridades leigas, civis ou militares. Porém, essas afirmações são resultado de análises sobre sinais e indícios que, até então, eram marginais, ou tomados como tal por outros pesquisadores que mencionaram o “monge” João Maria de Agostinho em seus trabalhos.⁴

No princípio de minha pesquisa para o doutorado (2007), não tinha certeza de querer este eremita italiano como objeto de análise. As informações conhecidas, como mencionado, eram poucas, esparsas, e já amplamente discutidas por estudiosos. Mesmo não concordando com a idéia de “santo dos excluídos”, ainda sim não o via além do que já se sabia: ele era o iniciador de uma longa tradição religiosa que sobrevive até os dias atuais entre os habitantes do interior do sul do Brasil. Porém, à medida que aprimorava minhas leituras de autores da micro-história,⁵ percebi que poderia adotar procedimentos investigativos centrados em análise detalhada dos documentos, atento a informações consideradas como secundárias que foram negligenciadas pelos demais pesquisadores. Procurei os documentos conhecidos, já citados por outros, buscando vestígios que me indicassem caminhos alternativos, ou que pudessem me levar a diferentes arquivos. Para fins práticos, vejamos um exemplo.

Um dos documentos mais citados sobre a presença do italiano João Maria de Agostinho no Brasil foi feito na freguesia de Sorocaba, interior paulista, no dia 24 de

³ Assunto dos mais debatidos, a complexidade da religiosidade brasileira ganhou destaque com: Souza (1986; 1993); Vainfas (1995), dentre outros citados na bibliografia.

⁴ Volto a afirmar que esse italiano jamais foi tomado individualmente como objeto de pesquisa. Os pesquisadores que menciono (referidos na Bibliografia) tinham como foco chegar aos monges que estiveram mais próximos aos conflitos da Guerra do Contestado, entre 1912 e 1916 no estado de Santa Catarina. As informações que se sabia do italiano só foram usadas para identificá-lo como iniciador de uma tradição (dos monges santos), situando-o mais como lenda do que como indivíduo dotado de motivações e racionalidade e capaz de criar estratégias de ação dependendo da situação em que se envolvia.

⁵ Primeiramente Carlo Ginzburg e seu livro sobre o moleiro Menocchio (1987), depois Giovanni Levi (*Herança Imaterial*, 2000) e Edoardo Grendi (*Il Cervo e la Repubblica*, 1993). No entanto, conforme se verá na seqüência deste artigo, optei em seguir a linha de Carlo Ginzburg por considerar seus estudos mais próximos de meu objeto e temática, embora o procedimento da microanálise seja compartilhada pelas duas linhas que Henrique Espada Lima Filho (2005, p. 329-480) chamou de “A dupla alma da micro-história”.

dezembro de 1844. No Livro de Registros de Estrangeiros,⁶ o escrivão Procópio Luiz Freire escreveu ser este indivíduo natural do Piemonte, Itália, de idade 43 anos, estando no Brasil a serviço de seu ministério. Registrou ainda que “frei João Maria” tinha vindo da província do Pará, tendo desembarcado no Rio de Janeiro pelo Vapor *Imperatriz* no dia 19 de agosto de 1844. Além desses dados, o escrivão fez uma descrição física do italiano: “*estatura baixa, cor clara, cabelos grisalhos, olhos pardos, nariz regular, boca dita, barba cerrada, rosto comprido*”, finalizando com o seguinte detalhe: “*Aleijado dos três dedos da mão esquerda*”. Adiante comentarei sobre essa “deficiência” física do “frei João Maria”.

Com as informações registradas no Livro de Sorocaba, já se poderia iniciar uma investigação por caminhos até então inexplorados. Uma vez nos arquivos do Rio de Janeiro, procurando nos jornais de 1848 algo sobre a presença de João Maria de Agostinho no Rio Grande do Sul, percebi que na última página de cada edição constava sempre o movimento de vapores que chegavam ou saíam do porto da capital do Império brasileiro, além da identificação de muitos de seus passageiros. Não foi difícil chegar ao nome do “*italiano Giovanni Ma de Agostini*”, desembarcado no Vapor *Imperatriz* no dia 18 de agosto de 1844.⁷

Entretanto, a surpresa maior não foi o fato de ter se confirmado verdadeiro o itinerário do Pará ao Rio de Janeiro antes de chegar à freguesia de Sorocaba, mas o seu nome italiano. Pode parecer pouco, até mesmo irrisória tal constatação, ou algo do tipo: “como não pensei nisto antes?” Mas volto a afirmar que faltava um estudo individualizado para este indivíduo, alguém que o tomasse como personagem principal, ou próximo a isso, que perseguisse pequenos detalhes em documentos já conhecidos. Uma vez descobrindo se chamar *Giovanni Ma de Agostini*, investi em tentar chegar às suas origens. Contudo, as informações sobre seu passado anterior ao Brasil não me foram reveladas por seu nome em italiano, antes por seu nome em espanhol. Mas não adiantemos a história.

A passagem do monge João Maria de Agostinho pelo Rio Grande do Sul e litoral de Santa Catarina, em 1848 e 1849, repercutiu de modo estrondoso nestas duas províncias. Acontece que o monge passou a atrair inúmeras pessoas a sua volta por se espalhar a notícia de que ele estaria realizando “milagres” em uma fonte de água, “*dando vista a cegos, tornando bons os paralíticos e não se sabe o que mais*”.⁸ Jornalistas, médicos, padres,

⁶ Vários autores trazem uma cópia deste documento: Oswaldo Cabral (1960); Maria Isaura de Queiroz (1955); Maurício Vinhas de Queiroz (1966); Douglas Monteiro (1974) e outros. O documento está na cidade de Sorocaba, nos arquivos do Gabinete de Leitura (Góes, 2007, p. 89).

⁷ Jornal *Diário do Rio de Janeiro*, 19 de agosto de 1844, p. 8, Biblioteca Nacional, Setor de Periódicos, edições micro-filmadas, Rio de Janeiro.

⁸ Reportagem transcrita no jornal *Diário do Rio de Janeiro*, 6 de julho de 1848, p. 1. Biblioteca Nacional, Setor de Periódicos. Edições Micro-filmadas. Rio de Janeiro.

autoridades policiais e milhares de doentes e curiosos acorreram ao local das tais “águas santas”, no interior do Rio Grande do Sul, na localidade de Santa Maria. Segundo Hemetério José Veloso da Silveira (1979), político e pesquisador que viveu no século XIX, os tais prodígios do monge nas águas santas ganharam destaque não só no sul do país, mas também no Rio de Janeiro através da imprensa. Como tal historiador citou apenas um jornal em que as notícias foram veiculadas,⁹ questioneei quais eram os outros periódicos que circulavam na capital brasileira de meados do século XIX. Foi fácil chegar aos jornais *Diário do Rio de Janeiro*, *Jornal do Comércio* e *Correio Mercantil* dos anos de 1844 a 1849, localizados na Biblioteca Nacional.

Foi a partir da leitura que fiz em várias edições dos jornais citados que descobri o nome italiano *Giovanni Ma de Agostini* e também artigos de jornalistas sul-rio-grandenses que estiveram em Santa Maria procurando esclarecimentos sobre o que ocorria no lugar. Informações relevantes sem sombra de dúvidas, pois os correspondentes relataram o que presenciaram, com algum espanto é verdade, desconfiados que a “verdadeira religião” ali não era seguida.¹⁰ Porém, em um dos jornais apareceu uma lista de quarenta pessoas que aceitaram dar seu testemunho atestando o poder de cura daquelas águas santas.¹¹ Uma simples leitura da lista já torna possível afirmar que não eram somente os pobres e doentes desenganados ou “abandonados” pelos médicos que se dirigiam para Santa Maria a fim de buscar curar suas moléstias. Ou ainda, que as ditas águas atraíam somente pessoas do meio rural e não indivíduos das cidades. Os nomes presentes na lista mostram uma heterogeneidade social que faz desmoronar a idéia de religiosidade dos “excluídos”. A crença nos poderes curativos das águas era um elemento comum a todas as categorias culturais e sociais, muito embora houvesse diferenças entre a concepção popular e a da medicina oficial. Para a primeira, a cura era por milagre e por interseção do monge; para a segunda, eram os princípios químicos que levavam à cura de certas doenças.

Nestes mesmos jornais do Rio de Janeiro constatei uma informação que sempre foi tida como incerta por outros pesquisadores que se interessaram pelo eremita italiano: ele foi

⁹ *Jornal Gazeta dos Tribunaes*, de Antônio Manoel Cordeiro, n. 162 de 1848 (Cf. Silveira, 1979, p. 477). Infelizmente não consegui encontrar este jornal no Rio de Janeiro.

¹⁰ O jornalista Felicíssimo de Azevedo foi o que mais escreveu sobre o que presenciou no Cerro do Campestre, nas proximidades de então vila de Santa Maria, local das águas santas. Quase cinquenta anos depois, em 1895, o jornalista voltou a escrever sobre os acontecimentos, lembrando um encontro entre o monge João Maria de Agostinho e o general presidente do Rio Grande do Sul, Francisco José de Souza Soares de Andréa. Felicíssimo também narrou sobre as manifestações de fé dos crentes que lá estavam. Cf. *Jornal A Federação*, de 15 e 18 de março de 1895. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, Porto Alegre, RS. No ano de 1848, Felicíssimo de Azevedo trabalhava no periódico *O Porto Alegrense*, editado em Porto Alegre.

¹¹ *Jornal do Comércio*, 21 de novembro de 1848, p. 1; *jornal Correio Mercantil*, 23 de novembro de 1848, p. 3, Biblioteca Nacional, Setor de Periódicos, edições micro-filmadas, Rio de Janeiro.

mandado para o Rio de Janeiro após ser duplamente deportado, primeiro do Rio Grande do Sul, em dezembro de 1848; depois de Santa Catarina, em maio de 1849, já que os populares não paravam de segui-lo. Uma vez na capital imperial, foi interrogado pelo médico oficial da Corte, o então deputado José Martins da Cruz Jobim, natural da vila de Rio Pardo, no Rio Grande do Sul. Também foi proibido de continuar suas pregações, por ordem do chefe de polícia do Rio de Janeiro. Colocado provisoriamente no Asilo São Cornélio - na Rua do Catete -, permaneceu ali por alguns meses, até ser liberado tomando caminho incerto.¹²

Em meio a novidades, uma carta¹³ revelou um dado que poderia ser insignificante, mas na busca por maiores detalhes deste eremita italiano, nada mais poderia ser considerado como tal. Antes de conhecer a fama no Rio Grande do Sul, João Maria de Agostinho esteve na Argentina, na cidade de Buenos Aires.¹⁴ Ao tomar conhecimento disso, julguei que seu nome no idioma castelhano poderia ser *Juan Maria de Agostini*. Uma pessoa, vários nomes e designações religiosas distintas: na Itália, *Giovanni Maria de Agostini*; no Brasil, frei e monge João Maria de Agostinho (com variações no sobrenome); na Argentina, *Juan Maria de Agostini*, missionário. E ainda havia a assinatura em dois documentos feitos no Brasil: uma no Livro de Registros de Sorocaba, e outra em uma carta-testamento deixada no Rio Grande do Sul para seus devotos. E em ambos os documentos constava seu nome acrescido por “*solitário eremita*”.

As pesquisas continuaram no Rio Grande do Sul, no Arquivo Histórico em Porto Alegre. Muitos documentos já tinham sido publicados por Fachel (1996), porém, todos eles serviram para comprovar que João Maria de Agostinho foi um personagem perseguido pelas “elites dominantes” da província e do Brasil. Com auxílio de historiadores,¹⁵ cheguei a novos registros, cartas e ofícios policiais e militares a respeito daquele estrangeiro. Cruzando com reportagens de jornais do Rio de Janeiro, foi possível demarcar com maior precisão seu itinerário pelo Rio Grande do Sul e Santa Catarina, entre janeiro de 1848 e maio de 1849, e

¹² Essas informações foram dadas pelo médico e senador José Martins da Cruz Jobim, em um discurso no Senado em junho de 1874. Cf. Anais do Senado, fala do conselheiro senador José Martins da Cruz Jobim, 15 de junho de 1874, p. 261, Biblioteca Nacional, Setor de Periódicos, Rio de Janeiro.

¹³ Carta escrita na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, pelo jornalista Telêmaco Bouliech, e enviada para o Rio de Janeiro. Uma cópia deste documento está no Arquivo Público de Santa Catarina, em Florianópolis, e foi publicada em anexo na tese de doutorado em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul por César Hamilton Góes (2007).

¹⁴ Frei João Maria de Agostinho foi visto em Buenos Aires no palácio do presidente Juan Manuel Rosas, sendo requisitado por esse para trabalhar como catequizador de índios Charruas. Saiu em missão, mas, meses depois, voltou a Buenos Aires declarando não ter tido sucesso entre os indígenas. Acabou detido a mando do próprio presidente, permanecendo aprisionado por alguns meses e, ao ser solto, afirmou ter ido à Corrientes e dali entrado no Brasil. Cf. Carta do jornalista Telêmaco Bouliech (In: Góes, 2007).

¹⁵ Agradeço a José Iran Ribeiro, doutorando pela UFRJ, e Luiz Augusto Farinatti, doutor pela mesma Universidade.

perceber que o monge era um indivíduo dotado de racionalidade, ativo quanto às suas escolhas, mobilizando certos recursos culturais para superar as dificuldades que se apresentavam. Como exemplo disso, posso citar o momento de sua prisão, no dia 17 de outubro de 1848,¹⁶ aos pés do Cerro Botucaraí, nas proximidades da vila de Rio Pardo, no interior do Rio Grande do Sul.

Os detalhes deste episódio foram narrados, quase 30 anos depois, por um membro da elite política imperial, o médico e senador sul-rio-grandense José Martins da Cruz Jobim. Em discurso proferido no Senado Imperial em junho de 1874, em meio a Questão Religiosa,¹⁷ falava a respeito da necessidade de instruir o povo brasileiro dentro das normas da “*verdadeira religião*” e, como exemplo de “fanatismo”, lembrou um caso ocorrido em 1848 na sua vila natal, a freguesia de Rio Pardo, narrando o momento da prisão de um “estrangeiro” conhecido como “monge João Maria de Agostinho” no Cerro Botucaraí:

(...) quando a guarda lá chegou era de noite, e obrigou o monge a descer, e pela manhã, [ainda] de madrugada, o povo, como era de costume, afluíu ao lugar. Reuniram-se em roda do tal monge mais de 3.000 pessoas, e a mim me disse ele [o monge] mesmo que, se tivesse querido que o povo resistisse a sua prisão, não teria ficado um só cabelo na cabeça dos soldados, que o tinham ido prender, mas que ele mesmo aconselhou ao povo que o deixasse partir para aquele martírio, a fim de voltar depois para eles mais santo e mais milagroso. Partiu para Porto Alegre preso (...).¹⁸ (grifos meus).

Se tal fato foi lembrado por um membro da elite intelectual e política do Império, é de se acreditar que o episódio também tenha marcado as pessoas de outras categorias sociais, e que lá estavam no dia da prisão do monge. Pelo trecho acima, temos indícios para afirmar que o eremita, já visto como monge santo pelo povo que o seguia, foi encaminhado à categoria de mártir, uma vez que sua prisão representava um sofrimento pelo qual teria que passar para aumentar sua força.¹⁹ Deixou-se prender. Estratégia simples, tirada de seu sistema de valores que tinha por base uma cultura religiosa inspirada na vida dos grandes mártires da Igreja, como o próprio Cristo, e que sensibilizou os que presenciaram tal cena. Seus seguidores,

¹⁶ A data de sua prisão está no *Jornal do Comércio*, 21 de novembro de 1848, p. 1, Biblioteca Nacional, Setor de Periódicos, edições micro-filmadas, Rio de Janeiro.

¹⁷ Questão Religiosa que envolveu políticos, maçons, o Imperador Dom Pedro II e os bispos dom Macedo Costa e dom Vital de Oliveira, entre 1872 e 1875.

¹⁸ Anais do Senado, fala do conselheiro senador José Martins da Cruz Jobim, 15 de junho de 1874, p. 261, Biblioteca Nacional, Setor de Periódicos, Rio de Janeiro.

¹⁹ O martírio, pelo fato de ser infligido pelas autoridades públicas, que eram, naquele contexto de repressão aos Quilombos, a própria encarnação do mal, apareceu como uma “fórmula” adequada para o monge João Maria de Agostinho: portando-se como vítima, consentiu e abandonou aos “carrascos” o seu corpo para ser “destruído”, e tudo acompanhado por uma multidão de fiéis! Segundo Jacques Gélis (2008, p. 53-54), os cristãos, principalmente os pertencentes às ordens religiosas, procuravam situações onde pudessem sofrer martírio público a fim de serem colocados entre os “eleitos”, reconhecidos como pessoas que partilhavam dos sofrimentos de Cristo.

provavelmente, eram um misto de indignação e esperança, prevalecendo esse último sentimento após algum tempo: realmente passaram a esperar pela volta de seu monge santo.

Ao profetizar seu retorno em meio ao martírio, o eremita fez movimentar uma crença existente entre todos cristãos católicos que habitavam o sul do Brasil. Ele não pregava em terreno infértil, antes o contrário. Seu modo de vida, suas palavras e ações, se não entendidas do modo que esperava, germinaram e frutificaram no solo da vasta e complexa cultura religiosa brasileira, de secular formação.²⁰ As histórias do monge foram transmitidas pela tradição oral através dos intermediários de sempre: viajantes, tropeiros, carroceiros e, principalmente, famílias de migrantes em diáspora constante atrás de condições mínimas de sobrevivência. Esses grupos, seguidos por seus descendentes, difundiram os prodígios e a profecia do monge por regiões não percorridas por ele, como o interior de Santa Catarina.²¹

Poderia me estender mais sobre os resultados da pesquisa empírica, enumerando documentos de arquivos variados que estão auxiliando a investigação,²² mas acredito que está mais do que comprovado de que o trabalho de campo (*field-work*), com bem fazem os antropólogos, tem mostrado o seu valor. Quero chamar a atenção, agora, para o uso de um recurso importante para a pesquisa: a internet.

Ao digitar o nome “João Maria de Agostinho” em qualquer *site* de busca, surgem centenas de páginas. Seu nome, como dito, vem servindo a inúmeros propósitos, de “Centro Espírita” a homenagens de políticos que estão explorando o potencial turístico que o monge do Contestado carrega, em Santa Catarina e Paraná. Porém, nenhuma novidade encontrei. Ao saber que o italiano peregrino esteve em Buenos Aires, possivelmente entre 1845 e 1847, portanto, depois de ter passado por Sorocaba e antes de conhecer a fama no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, digitei em um *site* de busca o nome *Juan Maria de Agostini*, supondo ter sido este seu nome castelhano. Quando esperava encontrar alguma informação de sua estada no país vizinho, eis que surgiram *sites* em inglês, todos mencionando que *Juan Maria de Agostini* (ou *Agostiniani*), conhecido por “El Eremita” ou “The Hermit” (dependendo do *site*),

²⁰ São vários os estudiosos da formação do catolicismo brasileiro, porém, não foram muitos que conseguiram perceber a complexidade e diversidade de tal religiosidade. Como exemplo, cito: Bastide (1971); Queiroz (1973); Souza (1986; 1993); Vainfas (1995); Priore (1994); Abreu (1999); Oliveira (2008); Azzi (1993); Hoornaert (1974).

²¹ Esta afirmação ainda carece de bases empíricas. Contudo, a partir de autores que estudaram o processo de ocupação dos sertões meridionais do Brasil, desde o século XVII até o XIX, concluo que é totalmente procedente acreditar que a crença no monge santo foi sendo transmitida juntamente a todo sistema de valores que acompanhavam essas famílias de migrantes. Sobre a formação social do sul do Brasil me baseio, fundamentalmente, em: Bandeira (1995), Farinatti (1999; 2007), Barroso (2006) e Osório (2006; 2008).

²² Paralelamente às pesquisas nos jornais, dediquei tempo aos documentos presentes no Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Também tive acesso a diversos artigos da Revista do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) referentes a temas relacionados ao meu objeto.

nascido em 1801,²³ de família nobre da província de Novara, no Piemonte, Itália, havia habitado cerros e grutas entre 1860 e 1869, na fronteira entre o México e Estados Unidos.²⁴ Nesse lugar, o eremita ergueu cruzeiros que logo viravam centro de devoção, realizou curas variadas, deu bênçãos, andou por várias milhas, alimentou-se de raízes, frutos e o que mais lhe ofertassem (menos carne).

Muito se falou e se escreveu sobre o paradeiro do monge após ter saído do Rio de Janeiro, em 1849 ou 1850. O mais provável é que tenha voltado à Sorocaba, mas não permaneceu ali por muito tempo, já que há notícias da presença de um monge nas vilas da Lapa, Castro e Mafra, entre o norte de Santa Catarina e sul do Paraná, dos anos de 1850 a 1860.²⁵ Diz-se ter falecido em 1870 no próprio Morro do Ipanema, em Sorocaba. Contudo, seu corpo jamais foi encontrado. Outros pesquisadores afirmaram que João Maria teria morrido em 1906, na cidade de Araraquara, com 106 anos. Todas são hipóteses sem fundamentação empírica.

Depois de ter estado em Sorocaba (2ª vez) e na Lapa, na década de 1850, o eremita deixou o Brasil continuando suas peregrinações pelo continente Americano. Segundo pesquisadores norte-americanos,²⁶ o eremita Juan Maria de Agostini peregrinou e curou diversas pessoas nos estados do Novo México e no Texas, na década de 1860. Morador do “Cerro Tecolote” (mais tarde tal Cerro passou a se chamar “Hermit’s Peak), atraiu centenas que buscavam bênçãos, conselhos e curas, realizando inúmeros prodígios com uma fonte de água localizada em uma gruta (La Cueva) em que também residiu. Somando-se às águas, passou a curar com ervas encontradas na região. Naquele Cerro foi encontrado morto por um grupo de moradores locais, a maior parte ilustres proprietário de terras que eram seus devotos. Seu corpo foi enterrado em um antigo cemitério da cidade de Mesilla, no estado do Novo México, Estados Unidos, e sua lápide continha a seguinte inscrição: “*John Mary Agostiniani*

²³ Alguns colocam a data de nascimento 1799, outros 1800, ou ainda 1801. Acredita-se que o mais correto seja mesmo 1801.

²⁴ Sites que trazem informações sobre o eremita, com detalhes sobre a vida anterior à sua chegada ao Brasil: <http://www.washburn.edu/cas/art/cyoho/archive/KStravel/CouncilGrove/index.html>, acessado em 30 de agosto de 2008; <http://pagesperso-orange.fr/rancho.pancho/Hermit.htm>, acessado em 30 de agosto de 2008.

²⁵ Cf. Almeida (1942), Cabral (1960) e Sebastião Paraná (1889).

²⁶ Região de origem deste italiano era a província de Novara, no Piemonte. Consta ter começado seus estudos em colégio franciscano com objetivo de ser padre. Perto de completar 20 anos de idade (provavelmente no ano de 1820) disse ter tido uma visão de Nossa Senhora o aconselhando a sair pelo mundo para pregar as palavras de Deus, e que deveria viver como um eremita. Abandonou a carreira eclesiástica, iniciando a vida de eremita peregrino na própria Europa, nos Pirineus espanhóis. Rumou, em 1837, para a América, vivendo na Venezuela, Peru, Brasil, Argentina, Brasil novamente, Cuba, México e, finalmente, Estados Unidos, nos estados do Texas e Novo México, aonde veio a falecer em 17 de abril de 1869. Por todos os lugares habitou alto de Cerros ou grutas. Cf. Phill T. Archuletta, Sharyl S. Holden (2003); Arthur L. Campa (1994); Elba C. De Baca (198-). Os pesquisadores brasileiros não sabem que o eremita foi aos Estados Unidos após sair do Brasil na década de 1850; por outro lado, os pesquisadores norte-americanos não conhecem os detalhes da estada deste italiano na América do Sul.

– *Justiniani, Hermit of the Old and New World. He died the 17th of April, 1869, at 69 years and 49 years a hermit*” (Cf. Archuletta, Holden, 2003, p. 285).

Após comparar esses e outros dados com o que foi escrito a seu respeito no Brasil, é possível afirmar se tratar do mesmo indivíduo. Seria muita coincidência ter existido dois italianos, nascidos no mesmo ano e região, vivendo de modo similar e usando nomes iguais. E ainda, caso reste alguma dúvida disso, há uma prova que pode ser considerada definitiva: uma fotografia do eremita tirada nos Estados Unidos.

Na descrição física do frei João Maria de Agostinho feita pelo escrivão em Sorocaba, em dezembro de 1844, está registrado: “*sinais particulares: Aleijado de três dedos na mão esquerda*”. O escrivão Procópio Luis Freire escreveu “aleijado”, e isso não quer dizer que lhe faltassem três dedos da mão esquerda como se poderia pensar.



Fonte: <http://pagesperso-orange.fr/rancho.pancho/Hermit.htm>.

O italiano, com se vê na foto, tinha seus dedos atrofiados, o que deixava sua mão esquerda com pouca mobilidade. Detalhe insignificante? Com certeza não, pois, além de critério de identificação, algo que era sua “marca exclusiva” (tal como as impressões digitais de hoje), sua “deficiência” física pode ter sido um motivo a mais para que o povo se

identificasse com o monge penitente. Com esses e outros dados, que estão dando novas direções à pesquisa, não deveriam restar dúvidas: o eremita italiano que passou pelo Brasil, convulsionando as províncias meridionais entre 1848 e 1849, continuou sua vida de peregrino e penitente por outros sertões da América.

Bibliografia

a) Autores que trazem informações sobre o eremita ou monge João Maria de Agostinho:

ARCHULETTA, Phil T., HOLDEN, Sharyl S. (org.). 2003. **Traveling New Mexico: a Guide to the historical and State Park Markers**. Sunstone Press (Livro encontrado no endereço eletrônico: http://books.google.com.br/books?id=VR4vU_bkWj8C, no dia 30 de agosto de 2008).

ALMEIDA, Aluizio de. 1942. **O Monge do Ipanema**. Cruzeiro do Sul: Sorocaba, São Paulo.

BELÉM, João. 1933. **História do município de Santa Maria – 1797-1933**. Porto Alegre: Selbach.

BELTRÃO, Romeu. 1979. **Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho: 1787 – 1930**. 2ª ed. Canoas: La Salle.

CABRAL, Oswaldo R. 1960. **João Maria: interpretação da Campanha do Contestado**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

CAMPA, Arthur L. 1994. **Treasure of the Sangre de Cristos: tales and traditions of the Spanish Southwest**. University of Oklahoma Press (livro encontrado no endereço eletrônico: <http://books.google.com.br/books?id=SC05EZ0sOv0C>, acessado no dia 30 de agosto de 2008).

DE BACA, Elza Cabeza. (198-). **Legends of a Hermit** (alguns trechos deste livro estão no endereço eletrônico: <http://pagesperso-orange.fr/rancho.pancho/hermit.htm>, acessado em 30 de agosto de 2008).

ESPIG, Márcia Janete; MACHADO, Paulo Pinheiro (orgs.). 2008. **A Guerra Santa revisitada: novos estudos sobre o movimento do Contestado**. Florianópolis: Editora da UFSC.

FACHEL, José Fraga. 1995. **Monge João Maria: recusa dos excluídos**. Porto Alegre; Florianópolis, Editora da UFRGS; Editora da UFSC.

FILATOW, Fabian. 2002. **Do sagrado à heresia: o caso dos monges barbudos (1935-1938)**. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GOES, César Hamilton Brito. 2007. **Nos caminhos do Santo Monge: religião, sociabilidade e lutas sociais no sul do Brasil**. Tese de doutorado em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. 1974. **Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado**. São Paulo: Livraria Duas Cidades.

OLIVEIRA, Célio Alves de. 1992. **A construção e a permanência do mito de João Maria de Jesus na região do Contestado**, Santa Catarina. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PEREIRA, André; WAGNER, Carlos Alberto. 1981. **Monges barbudos & O Massacre do Fundão**. Porto Alegre: Mercado Aberto.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. 1966. **Messianismo e Conflito Social** (A Guerra Sertaneja do Contestado: 1912-1916). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. 1955. **La Guerre Sainte au Brésil: le mouvement messianique du Contestado**. Tese de Doutorado, École Pratique des Hautes Études, Universidade de Paris, Paris (Publicada no Boletim n. 187 da FFLCH-USP, São Paulo, 1957).

SILVEIRA, Hemetério José Velloso da. 1979. **As Missões Orientais e seus antigos domínios**. Porto Alegre, ERUS (1ª edição de 1909).

SINZIG, Pedro. 1939. **Frei Rogério Neuhaus**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes.

b) Obras sobre a Guerra do Contestado, só mencionando a passagem do eremita italiano pelo Brasil:

AURAS, Marli. 1995. **Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla**. 2ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC.

CARVALHO, Fernando Setembrino de. 1916. **A pacificação do Contestado**. Conferência realizada no Clube Militar na noite de 3 de julho de 1916. Rio de Janeiro: Clube Militar.

CAVALCANTI, Walter Tenório. 2006. **Guerra do Contestado: verdade histórica**. 2ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC.

D'ASSUNÇÃO, José Herculano Teixeira. 1917. **A campanha do Contestado**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 2 vols.

EPIG, Márcia Janete. 2006. **A presença da gesta carolíngia no movimento do Contestado**. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

GALLO, Ivone Cecília D'Avila. 1999. **O Contestado: o sonho do milênio igualitário**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP.

MACHADO, Paulo Pinheiro. 2004. **Lideranças do Contestado**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP.

MOURA, Aureliano Pinto de. 2003. **Contestado, a Guerra Cabocla**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora.

SERPA, Élio Cantalício. 1999. **A Guerra do Contestado (1912-1916)**. Florianópolis: Editora da UFSC.

SOARES, José Otaviano Pinto. 1931. **Guerra em sertões brasileiros**. Rio de Janeiro: Papelaria Velho.

c) Obras gerais

ABREU, Martha. 1999. **O Império do Divino. Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira; São Paulo, Fapesp.

AZZI, Riolando. 1975. "Os religiosos e o movimento de reforma católica no Brasil durante o século XIX". **Revista Convergência**. Rio de Janeiro, ano 8, n. 82, pp. 301-317.

_____. 1975a. "Eremitas e irmãos: uma forma de vida religiosa no Brasil Antigo". I e II partes. **Revista Convergência**. Rio de Janeiro, ano 9, n. 95, pp. 370-383.

- _____. 1977. **O Episcopado brasileiro frente ao catolicismo popular**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes.
- _____. 1977a. “Evangelização e presença junto ao povo: aspectos da história do Brasil”. In: **Religião e catolicismo do povo**. Curitiba, Universidade Católica do Paraná.
- _____. 1977b. “Catolicismo popular e autoridade eclesiástica na evolução histórica do Brasil”. In: **Religião e Sociedade**. N. 1, Maio.
- _____. 1979. **As romarias no Brasil**. Revista Cultura Vozes. Rio de Janeiro.
- _____. 1993. **O catolicismo do povo brasileiro**. Brasília: Editora Rumos.
- _____. 1999. “Os primórdios da catequese: arranjos do período colonial e imperial”. In: **Uma história no plural: 500 anos do movimento catequético brasileiro**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- BARROSO, Vera Lúcia Maciel. 2006. “O tropeirismo na formação do sul”. In: GOLIN, Tau, BOEIRA, Nelson (org.). **Colônia**. Vol. 1. Passo Fundo: Méritos, p. 171-188.
- BARTH, Fredrik. 1981. **Process and form in social life**. vol. 1, London: Routledge & Kegan Paul.
- _____. 1993. **Sohar, culture and Society in an Oman Town**. Baltimore, Johns Hopkins University Press.
- _____. 2000. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra-Capa.
- BANDEIRA, Moniz. 1995. **O expansionismo brasileiro e a formação dos Estados na Bacia do Prata**. Rio de Janeiro: Editora Revan; UNB.
- BASTIDE, Roger. 1971. **As religiões africanas no Brasil**. Contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações. Vol. 1/2. São Paulo, Editora da USP.
- BOSCHI, Caio César. 1986. **Os leigos e o poder**. (Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais). São Paulo, Ática.
- BOURDIEU, Pierre. 1998. **O poder simbólico**. 2 ed. Tradução de Fernando Tomas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BOXER, Charles R. 2007. **A Igreja militante e a expansão Ibérica (1440-1770)**. Tradução Vera Maria Pereira. São Paulo: Companhia das Letras.
- CARVALHO, José Murilo de. 1996. **A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro das Sombras: a política imperial**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Relume-Dumará.
- DURKHEIM, Emile. 2003. **As formas elementares da vida religiosa**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- FARINATTI, Luís Augusto Ebling. 1999. **Sobre as cinzas da mata virgem: os lavradores nacionais na Província do Rio Grande do Sul (Santa Maria 1845–1880)**. Dissertação de Mestrado em História, PUCRS, Porto Alegre.
- _____. 2007. **Confins Meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na Fronteira Sul do Brasil (1825-1865)**. Tese de Doutorado em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

- FERTIG, André Átila. 2003. **Clientelismo político em tempos belicosos: a Guarda Nacional da Província do Rio Grande do Sul na defesa do Estado Imperial Centralizado (1848-1873)**. Tese de doutorado em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- FRAGOSO, Hugo. 1985. “A Igreja na formação do Estado Liberal (1840-1875)”. In: BEOZZO, José Oscar. (org.). **História da Igreja no Brasil**. Segunda Época. A Igreja no Brasil no século XIX. Tomo II/2, 2ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, Paulinas / Vozes.
- GÉLIS, Jacques. 2008. “O corpo, a Igreja e o Sagrado”. In: VIGARELLO, Georges. **História do Corpo**. Direção de Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine, Georges Vigarello. Vol. 1. Da Renascença às Luzes. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, p. 19-130.
- GINZBURG, Carlo. 1987. **O Queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. 1989. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. 2007. “Detalhes, primeiros planos, microanálises”; “Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito”; “O inquisidor como antropólogo”. In: **O fio e os rastros**. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 231 – 293.
- GOLIN, Tau. 2002. **A Fronteira: governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil, com o Uruguai e a Argentina**. Volume 1 e 2. Porto Alegre: L&PM.
- GOMES, Plínio Freire. 1997. **Um herege vai ao paraíso: cosmologia de um ex-colono condenado pela Inquisição (1680-1744)**. São Paulo: Companhia das Letras.
- GRENDI, Edoardo. 1978. “La micro-analisi: fra antropologia e storia”. In: **Polanyi: dall’antropologia econômica alla microanalisi storica**. Milão: Etas Libri.
- _____. 1993. **Il Cervo e la Repubblica: il modello ligure di antico regime**. Torino: Einaudi.
- HAUCK, João Fagundes. 1985. “A Igreja na emancipação (1808-1840)”. In: BEOZZO, José Oscar. (org.). **História da Igreja no Brasil**. Segunda Época. A Igreja no Brasil no século XIX. Tomo II/2, 2ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, Paulinas / Vozes.
- HERMANN, Jacqueline. 1997. “História das religiões e religiosidades.” In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. 14ª tiragem. Rio de Janeiro, Elsevier; Campus.
- _____. 2002. “A cidade do Paraíso Terrestre – O movimento sebastianista da Serra do Rodeador, Pernambuco, na primeira metade do século XIX”. In: ALMEIDA, Ângela Mendes de; et. al. (org.). **De sertões, desertos e espaços incivilizados**. Rio de Janeiro: MAUAD; FAPERJ.
- HOORNAERT, Eduardo. 1974. **Formação do catolicismo brasileiro 1550-1800**. Ensaio de interpretação a partir dos oprimidos. Petrópolis, RJ, Editora Vozes.
- _____. 1991. **O cristianismo moreno do Brasil**. Petrópolis: Vozes.
- KARSBURG, Alexandre de Oliveira. 2007. **Sobre as ruínas da velha matriz: religião e política em tempos de ferrovia (Santa Maria 1880-1900)**. Santa Maria: Editora da UFSM.
- LEHMANN, João Batista. 1950. “Santo Antão Abade”. In: **Na luz perpétua: leituras religiosas da vida dos santos de Deus, para todos os dias do ano, apresentadas ao povo cristão**. Vol. I, 3ª edição. Juiz de Fora, MG: Livraria Editora Lar Católico.
- LEVI, Giovanni. 1985. **Centro e periferia di uno Stato Assoluto**. Turin: Rosenberg & Seller.

- _____. 1998. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV.
- _____. 2000. **A Herança Imaterial: a trajetória de um exorcista no Piemonte no século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- LIMA FILHO, Henrique Espada. 2006. **A micro-história italiana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MAESTRI, Mário. 1979. **Quilombos e quilombolas em terras gaúchas**. Porto Alegre: EST e Editora da Universidade de Caxias do Sul.
- _____. 2000. “Quilombos no Rio Grande do Sul”. In: REIS, João José e GOMES, Flávio dos Santos (org.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. 2002. **Deus é grande, o mato é maior!:** trabalho e resistência escrava no Rio Grande do Sul. Passo Fundo, Rio Grande do Sul: Editora da UPF.
- MOTT, Luís. 1993. **Rosa Egípcia**. Uma santa africana no Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- OLIVEIRA, Anderson José Machado de. 2008. **Devoção Negra: santos pretos e catequese no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Quartet; Faperj.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. 1972. “Catolicismo popular e romanização do catolicismo brasileiro”. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, vol. 32, fasc. 126, junho.
- _____. 1978. **Evangelização e comportamento religioso popular**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- OSÓRIO, Helen. 2006. “Estrutura agrária e ocupacional”. In: GOLIN, Tau, BOEIRA, Nelson (org.). **Colônia**. Vol. 1. Passo Fundo: Méritos, p. 153-170.
- _____. 2008. **O Império português no Sul da América: estancieiros, lavradores e comerciantes**. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- PARANÁ, Sebastião. 1889. **Esboço geográfico da Província do Paraná**. Rio de Janeiro. Biblioteca Nacional, Setor de Obras Raras, Rio de Janeiro.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. 1973. **O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil**. Petrópolis, Vozes; São Paulo, Editora da USP.
- _____. 1977. **O Messianismo no Brasil e no Mundo**. 2ª ed. São Paulo: Editora Alfa-Ômega.
- REIS, João José. 1991. **A morte é uma festa**. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo, Companhia das Letras.
- REVEL, Jacques (org.). 1998. “Microanálise e construção do social”. In: **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas.
- RIBEIRO, José Iran. 2005. **Quando o serviço os chamava**. Milicianos e Guardas Nacionais no Rio Grande do Sul (1825-1845). Santa Maria, Editora da UFSM.
- RODRIGUES, Cláudia. 2005. **Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional.
- RUBERT, Arlindo. 1998. **História da Igreja no Rio Grande do Sul: época imperial (1822-1889)**. Porto Alegre, EDIPUCRS.
- SOUZA, Laura de Mello e. 1986. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**. São Paulo, Companhia das Letras.

_____. 1993. **Inferno Atlântico**: demonologia e colonização séculos XVI –XVIII. São Paulo: Companhia das Letras.

TORRES, João Camilo de Oliveira. 1968. **História das idéias religiosas no Brasil**. A Igreja e a Sociedade Brasileira. São Paulo: Editora Grijalbo.

VAINFAS, Ronaldo. 1995. **A heresia dos índios**: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras.

WEBER, Beatriz Teixeira. 1999. **As artes de curar**: medicina, religião, magia e positivismo na República rio-grandense (1889-1928). Bauru, São Paulo, EDUSC; Santa Maria, Editora UFSM.

WEBER, Max. 2006. **Sociologia das religiões**. Tradução Paulo Osório de Castro. São Paulo: Martins Fontes.

WITTER, Nikelen Acosta. 2001. **Dizem que foi feitiço**: as práticas de cura no sul do Brasil (1845 – 1880). Porto Alegre, EDIPUCRS.